

ROMANCE Briga entre famílias deu origem à história que notabilizou a cangaceira baiana

Derramamento de sangue e magia negra na saga de Anésia

JUSCELINO SOUZA

Vitória da Conquista

O romance *Anésia Cauaçu*, de Domingos Ailton, reporta à formação do município de Ituaçu, antigo Brejo Grande, e relata as brigas de duas famílias da localidade: os Silvas, conhecidos como "rabudos", e os Gondins, chamados de "mocós".

O derramamento de sangue começa quando o major Zezinho dos Laços, um dos líderes dos "rabudos", exige que um primo de Anésia, Augusto Cauaçu, acompanhe seu grupo de jagunços em uma emboscada contra a família Gondim.

Augusto se recusa e é assassinado a sangue-frio a mando de Zezinho dos Laços. A família Cauaçu se reúne e resolve vingar a morte, assassinando Zezinho dos Laços seis anos depois em uma tocaia na Fazenda Rochedo com uma bala feita do chifre de um boi preto, que fora confeccionada pelo pai de santo Heitor Gurunga, um sacerdote da religiosidade afro que cuidava do povo pobre da região.

Daí em diante a história começa a prender a atenção pela narrativa suave, como se projetasse imagens na mente do leitor, e pelo viés dramático ao redor da chacina que viria.

"Ao saber da morte de Zezinho, seu irmão Cassiano do Areão, o cunhado, coronel Marcionílio de Souza, e o filho deste, Tranquilino de Souza, passam a perseguir e matar membros da família Cauaçu e do bando de cangaceiros que acompanha o grupo, comandado por Anésia e seu irmão José Cauaçu", diz Domingos.

Surge, então, a lendária figura da cangaceira Anésia Cauaçu, que lidera e enfrenta vários combates com coragem e uma força extraordinária. Tal força,

Anésia Cauaçu lidera e enfrenta vários combates no sertão da Bahia com coragem e uma força extraordinária

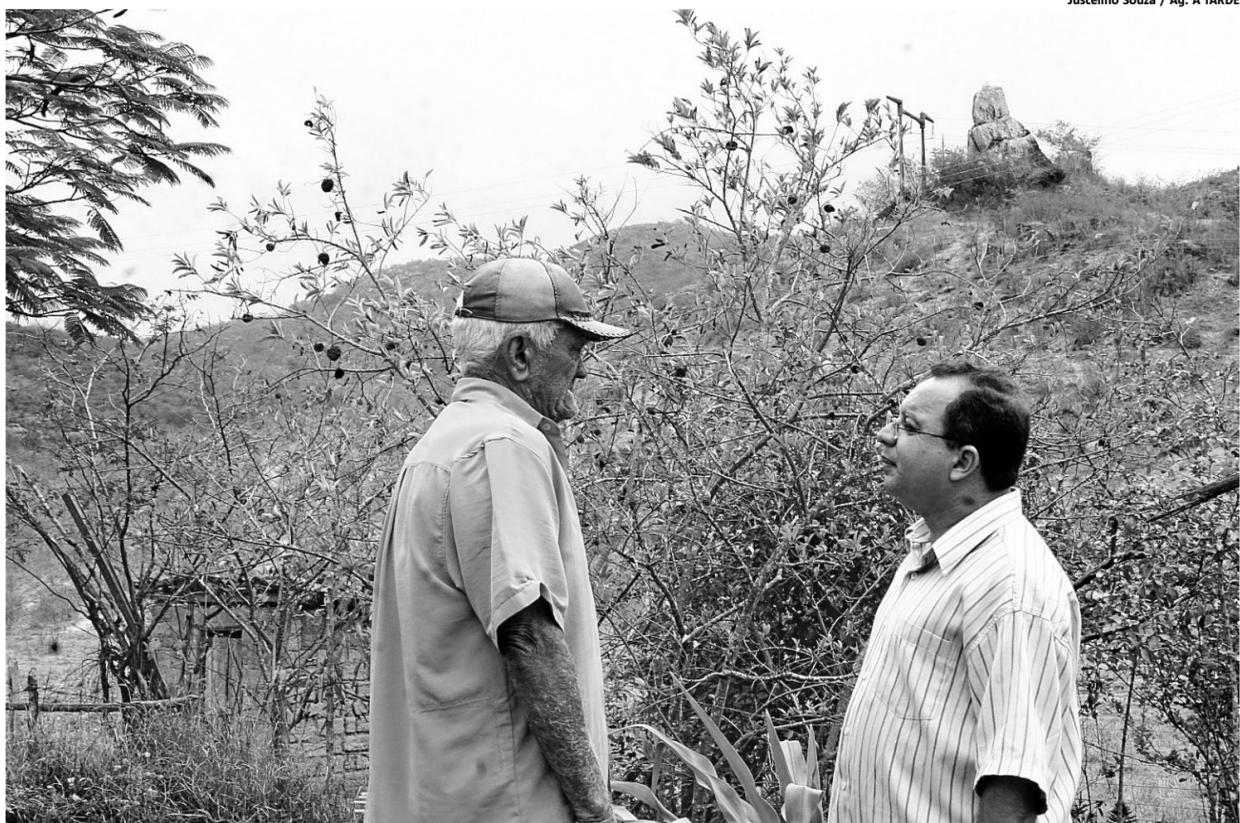
contam os mais velhos, reverberando relatos de geração em geração, vinha de poderes ocultos, tipo magia negra. "Em muitos momentos ela envoltava (desmaterializava) e virava uma rocha ou toco de árvore", explica o lavrador Claudionor Souza.

Na tentativa de erradicar o bando de cangaceiros e por fim aos embates, o governador da Bahia na época, Antônio Muniz, denomina o movimento armado dos Cauaços de "conflagração sertaneja" e envia para Jequié e região mais de 240 soldados. Os cangaceiros passam a utilizar táticas de guerrilha para enfrentar a polícia.

"Anésia cai em emboscada e é presa. Interrogada, é posta em liberdade e concede entrevista de primeira página na edição de 25 de outubro de 1916 do jornal A TARDE sobre a história do bando", enfatiza o autor.

Ao saber que a líder fora rendida e posta fora de combate, a força policial começa a praticar uma série de arbitrariedades contra a população jequiense e da região, como represália pelo suposto apoio ao cangaço.

Não se sabe ao certo qual o paradeiro de Anésia. Alguns sustentam que ela mudou o nome e permaneceu em Jequié, como simples lavradora, até morrer, em dia, mês e ano ignorados.



Domingos Ailton ouviu relatos de antigos moradores da região, como o lavrador Claudionor Souza, para escrever o romance histórico



A TARDE de 25 de outubro de 1916 publica entrevista com Anésia

Narrativas orais e pesquisas garantem fidelidade aos fatos

O romance não se prende essencialmente à trajetória de Anésia enquanto líder do cangaço e figura máscula. O lado feminino e passional é afluído na passagem que insere figuras como o mascate Afonso, dançador de forró e mulhereço, que se apaixona por ela.

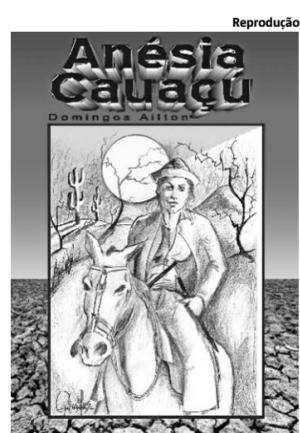
Tudo milimetricamente bordado com base em narrativas orais de pessoas que ouviram histórias relacionadas aos Cauaços ou que mesmo chegaram a conhecer personagens do romance, como a centenária Alvínia Ferreira, que conviveu com Anésia Cauaçu e morreu com 112 anos de idade, ou Braulino Antônio de Souza, que morreu aos 96 anos, não sem antes ter conhecido o pai de santo Heitor Gurunga.

"A obra procura também preservar a pronúncia e a morfossintaxe popular e é neste sentido que é rica em palavras e expressões da variante linguística do catingueiro das primeiras décadas do século 20", explica o autor, Domingos Ailton.

Assim ele procura na ficção revelar fatos históricos e acon-

tecimentos presentes na memória coletiva por meio da tradição oral. "Anésia Cauaçu tem uma dimensão tão grande que não cabe apenas nos estudos sociológicos", avalia.

O romance *Anésia Cauaçu* também baseia-se em fontes científicas como livros diversos sobre a história de Jequié e dissertações de mestrado.



Capa do livro *Anésia Cauaçu*, do romancista Domingos Ailton

CINEMA

Arte e polêmica em festival no Maranhão

JOÃO CARLOS SAMPAIO

São Luís

O 1º Festival Internacional Lume de Cinema, sediado em São Luís (Maranhão), consagrou como vencedor o simbólico filme sueco-polonês *O Moinho e a Cruz*, de Lech Majewski, em premiação ocorrida na noite do último sábado.

Só que no ambiente do festival e nas redes sociais o grande assunto do final de semana foi outro filme do evento, o polêmico *A Serbian Movie – Terror sem Limites*, de Srdjan Spasojevic. Depois da exibição no Ma-

ranhão, o filme seria projetado no Festival RioFan, no Rio de Janeiro, no Espaço Caixa Cultural. A fita foi vetada por dirigentes da instituição bancária mantenedora da sala, devido ao conteúdo que mescla sexo e violência.

O veto motivou nota de repúdio da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), na última sexta-feira, divulgada desde o Maranhão. No mesmo dia, por determinação judicial, o espaço alternativo encontrado pelos organizadores do RioFan para a exibição da fita, o Cinema Odeon, recebeu

visita de força policial, que apreendeu a cópia do filme.

No sábado, dezenas de cineastas, cinéfilos e manifestantes que consideraram o ato uma atitude de censura, fizeram manifestação na porta do Odeon, às 22h, horário previsto para a exibição de *A Serbian Movie*. O filme está longe de ser uma obra-prima, mas também não é explícito nas cenas, nem expôs (a não ser por trucagem) nenhum ator a tortura.

Raridades

Para além das polêmicas, o Festival Lume chamou a atenção

pela valorização de filmografias raras, com belos exercícios artísticos. *O Moinho e a Cruz*, o vencedor, já tinha dividido as atenções com o estoniano *As Tentações de Santo Antônio*, de Veiko Õunpuu, que mescla influências que vão de David Lynch a Alejandro Jodorowsky. Na paralela mostra *Olhar Crítico*, o documentário austríaco *Totó*, de Peter Schreiner, saiu ganhador depois de exibir um belo retrato introspectivo. Entre os brasileiros, venceu *Além da Estrada*, de Charly Braun, mais um filme que o espectador baiano deve aguardar com expectativa.



A Serbian Film, de Srdjan Spasojevic: exibição cancelada no Rio

CURTAS

Encontro de Neide Cortizo com leitores

Em homenagem ao Dia Nacional do Escritor, comemorado hoje, a Fundação Pedro Calmon promove o encontro de Neide Cortizo com o público leitor. A partir das 15h, na Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Barris), ela fala de sua experiência como autora e ilustradora de livros infantis. Em 2009, Neide recebeu a terceira menção honrosa em poesia no Prêmio OFF FLIP de Literatura – Categoria Nacional/Exterior, na *Festa Literária Internacional de Parati* (RJ), com o conjunto de poemas *Volátil, Disperso*.

Bando ensaia nova peça teatral

O grupo de Teatro Olodum está preparando um novo espetáculo, batizado de *trilogiaRemix.DOC#aquartapeça*. A montagem transforma a Trilogia do Pelô (composta por *Essa é nossa praia*, *Ó pai, Ó!* e *Bai Bai Pelô*) em um novo espetáculo. "É uma reflexão, através de uma remixagem, das três peças anteriores. Uma peça-documentário, com depoimentos reais de quem vive no Pelourinho", explica o diretor Marcio Meirelles. A proposta é que as pessoas interajam ao vivo na montagem, com depoimentos.



trilogiaRemix.DOC#aquartapeça é a nova peça do Bando de Teatro

Biblioteca promove oficinas de inverno

A Biblioteca Betty Coelho promove as oficinas de inverno (artes plásticas, literatura de cordel, poesia e teatro) entre 28 de julho e 20 de agosto, em sua sede, no bairro da Boca do Rio. Fruto de um prêmio ganho com o Edital Bibliotecas Comunitárias Edição 2010, do Ministério da Cultura e Fundação Pedro Calmon, as oficinas têm como participantes alunos da Escola Municipal União Caridade e Abrigo, do Colégio Estadual Rômulos do bairro. As inscrições são gratuitas e estão sendo feitas na sede – Rua Lavínia Ma-

galhães, 42. A Biblioteca infantil Betty Coelho foi criada em março de 2005. Informações, fone 8123-0873.

As oficinas da Biblioteca Betty Coelho ensinam artes plásticas, literatura de cordel, poesia e teatro